

HETEROGENEIDADE DISCURSIVA E REPRESENTAÇÃO DO BRASIL

Sandra Maria Baldone LARA ¹

Resumo: Este artigo tem como objetivos observar os modos de Ver/Dizer um acontecimento discursivo, assumindo a hipótese de que tais modos podem refletir o imaginário instituído em uma dada sociedade e compreender como as marcas de heterogeneidade mostrada contribuem para os processos de construção de sentidos na representação do Brasil. Como mediadora entre os leitores e a realidade, a mídia constitui-se em agente de formação do imaginário social, na produção de sentido e na organização das experiências. Objetivando compreender esse processo de potencialização dos sentidos, consideramos o modo de discursivização de um acontecimento político-social, constituindo como *corpus* de nosso trabalho algumas produções que circularam na mídia impressa em período determinado, atentando para a compreensão de um possível diálogo constitutivo entre essas produções e um imaginário colonialista. Para isto, analisamos as marcas de heterogeneidade discursiva mostrada, tal como proposta por Jacqueline Authier-Revuz, em textos jornalísticos publicados nas Revistas *Veja* e *Caros Amigos*. Com esse procedimento, visamos a compreender como, no conjunto, tais marcas imprimem orientações argumentativas conforme a proposta enunciativa dos sujeitos locutores. Objetivamos, ainda, compreender como tais marcas de heterogeneidade contribuem para os processos de construção de sentidos na representação do Brasil.

Palavras-chave: Discurso. Imaginário Social. Heterogeneidade Discursiva. Representação do Brasil

Introdução

Observando os modos de *Ver/Dizer* retratados em discursos midiáticos, assumimos a hipótese de que tais modos podem refletir o imaginário instituído em uma determinada sociedade, intervindo nos processos de construção de sentidos. Visamos também a repensar o discurso da Descoberta e os sentidos neles preconizados e sua permanência nos novos discursos sobre o Brasil.

Tomamos como *corpus* discursos da mídia, um referente cada vez mais em ascensão, e, conseqüentemente, um forte representante do poder simbólico, que forma valores e opiniões, contribuindo na formação do imaginário social. Analisamos certas marcas de

¹ Este artigo tem origem no trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São João Del-Rey, sob a orientação do Professor Dr. Antônio Luiz Assunção.

heterogeneidade mostrada, tal como proposta por Jacqueline Authier-Revuz, observando o funcionamento das diferentes vozes que contribuem para os processos de construção de sentidos na representação do Brasil, quando da discursivização do evento político considerado. Esse *corpus* constitui-se de discursos jornalísticos relativos à visita do presidente norte-americano *George W. Bush* ao Brasil em março de 2007 e foram publicados pelas revistas *Veja* (edição 1998, ano 40 - nº 9) e *Caros Amigos* (ano X, nº 120).

Imaginários sociais e Dimensões Identitárias

Considerando-se o interesse em perceber a representação do Brasil produzida nos embates de vozes por trás do evento “a visita de Bush,” propomo-nos destacar, antes, alguns elementos constituintes da formação do imaginário brasileiro, em que se destaca a natureza como o principal símbolo na formação desse imaginário nos discursos sobre o Brasil. Esse destaque da natureza na formação do imaginário brasileiro nasce da visão européia, já sinalizada na Carta de Pero Vaz de Caminha. Na literatura, por exemplo, no Romantismo, estilo de época importante na definição da literatura e vida social brasileiras, cresce o sentimento de nacionalismo e exalta-se a natureza da pátria, numa representação idealizada. Podemos evidenciar a “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias e o culto à natureza que será depois repetido na composição do Hino Nacional Brasileiro. Também Olavo Bilac, por intermédio dos poemas voltados para os leitores infantis, deu ênfase à natureza de nossa pátria, o que poderia ter influenciado os currículos escolares, contribuindo para a permanência de uma visão edênica sobre o país.

A partir da teoria do imaginário social de Castoriadis (1975/2000), Steinberger afirma ser possível avaliar o que o *Dizer* e o *Fazer* instituem, quais as significações imaginárias sociais que eles têm o poder de “informar”. Com base neste pressuposto, acreditamos que é possível compreender como os modos de ver os acontecimentos, e os modos de discursivizá-los, a partir de um imaginário pré-instituído, incidem sobre a construção de sentido desses modos escolhidos.

Castoriadis situa o imaginário social não como algo dado, pronto, mas como um conjunto de elementos sócio historicamente construído e, assim, em permanente mudança. Nesse sentido, todo e qualquer saber de mundo, toda concepção de realidade e modos de

conceber essa realidade são produtos gerados a partir desse imaginário em ebulição contínua. Isso parece-nos importante para compreendermos como o evento “vinda de Bush ao Brasil” surge constituído por diferentes dizeres, por distintos processos de enunciação que o situam para além do que o senso comum chama de real e, assim, o redefine como resultado de uma confluência de vozes, uma heterogeneidade discursiva que não só constitui o objeto em si, os discursos acerca da vinda de Bush, como também os sujeitos que o dizem. Esses sujeitos, por sua vez, dizem construindo seu objeto a partir de um determinado lugar de dizer, localizando sua voz a partir de um dado espaço dentro dos imaginários sociais acerca do Brasil.

Ao tratar a instituição de um mundo de significações pela dimensão identitária, a autora destaca, no trabalho de Castoriadis sob análise, a afirmação de que cada sociedade define seu próprio universo de discurso, através dos elementos revestidos de significação que ela elege. “A instituição da sociedade é instituição de um mundo de significações” (op. cit. p.278 apud STEINBERGER 2005, p. 131). A exemplo disso, lembramos que, sendo a natureza um elemento representativo na constituição do imaginário e da identidade social brasileira, a sua recorrência é premente nos discursos sobre o país. Ou seja, o apelo à natureza reveste-se de uma considerável carga semântica que torna equivalentes os termos Brasil e natureza quase reduzindo o primeiro ao segundo, metonimicamente.

Castoriadis, segundo Steinberger, considera os termos gregos *legein* (a identidade as quais se constitui e são constituídas na clivagem do que ele chama de *representar/dizer*²) e o *teukhein* (identidade que se constitui através do fazer social) para identificar elementos através de uma “reflexividade objetiva da teoria dos conjuntos e da lógica identitária”. O elemento de um conjunto o é na medida em que está incluído num determinado conjunto que o qualifica como tal. Nesse sentido, os dizeres só podem ser instituídos, como tal, se inseridos em um determinado meio social que, por sua vez, é instituído pelo imaginário social. Da mesma forma, as práticas sociais só têm significados se inseridas dentro de um mundo de significações.

Para cada sociedade, são as instituições baseadas na cadeia de significações do *teukhein* e do *legein* que determinam o que pode ou não ser dito, o que pode, ou não ser feito

² Conforme Castoriadis, apud Steinberger.

e o que pode ou não ser reproduzido em forma de informação, opinião, crença e valores; fatores esses que dão unidade, em termos de identidade a essa sociedade.

Da mesma forma, para Steinberger, a instituição do imaginário é a instituição de um mundo considerando ser possível a este imaginário incluir tudo, que tudo pode ser “dizível e representável, e ainda ser incluído na rede de significações”. Ao mundo das significações jornalísticas, o sentido é inscrito no sentido, pois este deve ser apenas coerente com o mundo representado na esfera jornalística. Seria, então, esta a ilusão que sustenta o imaginário jornalístico, através de sua suposta capacidade de difundir, em forma de notícia, todos os acontecimentos do mundo.

A sociedade escolhe os modos de referir-se a si mesma, que, na mesma via, influenciará a forma como se constituirá, no presente, passado e futuro, a imagem dela por outrem. Trazendo para os propósitos de nosso trabalho, se não há um discurso histórico sobre o Brasil, e sim um *discurso sobre nossa cultura*, o discurso colonial nos impõe uma marca que permanecerá ao longo da História.

Podemos concluir, então, que a sociedade elege os elementos que constituem o *legein* e o *teukhein* e desta escolha decorrem os processos de construção dos sentidos que atribuem a si própria e que criam representações sociais. Se a sociedade brasileira se vê construída sobre um imaginário estabelecido a partir de suas infinitas possibilidades naturais, esta *visão edênica* será reproduzida nos discursos sobre o país. O mesmo se aplica ao legado colonialista que carregamos: os modos de discursivização do nosso país estariam eivados de sentidos que lhe conferem, ainda hoje, a condição de colonizado.

Ainda, para (STEINBERGER, 2005), sendo a história social, determinada em grande parte pelo *legein* e pelo *teukhein*, ela pode ser definida como a história dos modos de conhecer, de valorizar, de repartir o poder, de legitimar, sob a condição de verdade, os acontecimentos, da mesma forma que é a história do sujeito como ator social no discurso como ação.

Novos discursos, velhos sentidos.

ORLANDI (1990), ao chamar a atenção para a articulação entre *o discurso do novo e do velho*, se propõe intervir no modo pelo qual a institucionalização do discurso das

descobertas “toma o lugar do discurso histórico”. Ou seja, não existe um discurso histórico sobre o Brasil, o que existe é uma institucionalização cultural do Brasil, bem como também da América Latina, como a terra das oportunidades naturais. Por isso ela afirma que esses discursos instituem o brasileiro como um *sujeito-cultural* e não *histórico*. Podemos depreender com isso que a própria representação do brasileiro está relacionada ao modo como é construída externamente (sujeito-cultural). Nesse sentido, a identidade do brasileiro é constituída pelo discurso do outro em detrimento da construção de uma identidade que seja representada pelos traços materiais e antropológicos da história (sujeito-histórico).

A prática ideológica do discurso das descobertas é tal que a instituição se apropria desse discurso, e, despossuindo dele o antropólogo, o folcloriza ao mesmo tempo em que elide- elidindo a materialidade histórica sob o pretexto da cientificidade – o fato de que os acontecimentos históricos não o são por si, mas reclamam um sentido. (ORLANDI, 1990, p.14)

Na abordagem teórica acerca dos imaginários sociais, vimos que as sociedades são instituídas por uma cadeia de significação que ela elege e que a constitui enquanto tal. Da mesma forma, entendemos que os discursos que constituem o brasileiro e também a nação brasileira são perpassados por uma cadeia de significação oriunda do discurso das descobertas que resiste e forma o imaginário social sob o qual a nossa sociedade se institui.

A nós nos reservam discursos que nos “ensinam” a necessidade de conservação de nosso patrimônio natural. O que é apagado nesses discursos é que o brasileiro, como tal, não é capaz de por si só fazê-lo de forma responsável. A exemplo disso, tomamos de Orlandi a citação do enunciado contido em uma faixa exposta por franceses, frente à embaixada do Brasil, em Paris: *Après vous, La fin. Et nous, alors!*. Certamente, trata-se de um discurso (francês) sobre o Brasil, mais especificamente sobre a Amazônia.

Segundo a autora, alguns séculos na história, tal como a entendemos na linguagem, podem distanciar pouco os sentidos. É por isso que o discurso de ontem é o discurso de hoje, que se adaptam às demandas impostas pela modernidade, conforme as necessidades histórico-sociais, cujos sentidos não se alteram, mas se reproduzem de forma circular, através da tríade imaginário senso-comum-sociedade.

O discurso esclarecido (iluminado) das descobertas continua no saudável liberalismo dos países ricos que se preocupam com o bem-estar da humanidade (...). Há categorizações para isso [populações]: índio “civilizado” e índio “selvagem”, terceiro mundo “viável” e terceiro mundo “inviável”. (op.cit. p.235-236)

Retomando o enunciado da faixa citado por Orlandi, o que é natureza para o brasileiro não é o mesmo que é natureza para os franceses, principalmente quando se trata da Amazônia. “E é aí que os sentidos se dividem inexoravelmente” (op.cit. p.238).

Assim, para o brasileiro, a natureza significa sobrevivência, lugar onde ele vive e sobrevive. Para o francês, a natureza (Amazônia) é lugar de exploração para que se possa viver bem na França (ecologicamente destruída), usufruindo dos benefícios decorrentes da necessária conservação do espaço geográfico brasileiro. Temos então, o velho sentido presente nos novos discursos.

Nos dizeres da faixa, podemos observar a relação de outridade estabelecida pelo uso do dêitico “nós”. Esse uso do pronome de primeira pessoa institui, de um lado, uma posição de grupo, consensual e, de outro, uma posição contrária, de dissenso, marcada pelo uso do pronome de tratamento em terceira pessoa “vocês”, cabendo a esse “nós” consensual determinar um julgamento fatalístico: “o fim”. A história discursivizada pelo outro validaria o termo “fim”, responsabilizado ao dêitico “vocês”. Por isso, Orlandi articula o discurso da descoberta ao discurso da ocupação da Amazônia. Nesse sentido, o enunciado que responsabilizaria o brasileiro pela destruição de um patrimônio instituído pelo outro, como supostamente “universal”, pode ser justificado pelo discurso fundacional e a sua permanência.

Se, pelas marcas enunciativas evidenciadas nos dizeres da faixa e pela sobrevivência do discurso das descobertas, *os europeus descobriram, nós invadimos*, o que norteará nossa investigação nos textos, *corpus* deste trabalho, é o pressuposto de que o Brasil continua a oferecer as condições necessárias para a sustentabilidade ao mundo, especialmente em se tratando da substituição de combustíveis.

Acrescentamos que os processos de representação social, constituídos a partir da escolha de marcas linguísticas, podem remeter para a compreensão das relações de poder instauradas pela palavra, através dos efeitos de sentidos gerados no texto, que deve ser visto como a materialidade semiótica das dimensões históricas, tomando a palavra como “signo

ideológico por excelência” (cf. BAKHTIN, 2005). Entendemos, assim, que os dizeres se situam em uma rede de formulações de sentidos dentro de uma constituição maior que é o lugar do histórico e do ideológico.

Descrição e análise do *corpus*

Os gêneros por nós analisados, conforme postula (Maingueneau (2004), são textos com finalidade comunicativa reconhecida, que por sua vez pressupõem uma periodicidade, um suporte material específico e estão associados a uma organização textual que lhe são próprias. A periodicidade de circulação de *Veja* é semanal e a tiragem da edição considerada foi de 1.226.160 exemplares. A Revista *Caros Amigos* possui uma publicação mensal e a tiragem da edição em que veiculou a matéria analisada foi de 48.000 exemplares. Como se percebe, embora o número de leitores da primeira seja substancialmente mais representativo do que o da segunda, ambas, de circulação nacional, constituem-se em importantes instâncias responsáveis pelos processos de construção de sentidos na discursivização dos acontecimentos, visando a intenção primeira de informar.

A partir de agora, voltamos nossa atenção para a questão da heterogeneidade mostrada que se caracteriza pela articulação da voz do outro no discurso do sujeito e é percebida na materialidade lingüística do texto. Tomamos como categoria de análise as formas da heterogeneidade, propostas por Authier-Revuz, quais sejam: discurso relatado, metáforas, alusão e jogo de palavras. Como proposto, em nossas análises, atentaremos para as marcas de heterogeneidade que concorrem para a representação de Brasil, considerando o ponto de vista do imaginário social que permeia esses discursos. Neste artigo, reduzimos as exemplificações extraídas do *corpus*.

1- *“Vamos ser a maior potência energética do século XXI”, disse Lula... (Revista Veja, 07 de março de 2007 p.65).*

A forma de discurso direto foi citada pelos sujeitos locutores em (1) para sustentar a idéia de que há um entusiasmo por parte do governo do Brasil diante da questão em pauta. O sujeito locutor, através do destacamento da fala do presidente, em forma de discurso direto,

evidencia a imagem que vem sendo mantida ao longo da história, ou seja, de um Brasil como um país das possibilidades.

2- *O nosso é real, o de Bush é blablablá.* (Revista *Veja*, 07 de março de 2007 p. 64)

3- *...mas estamos a anos-luz de nos tornarmos a Arábia Saudita do etanol.* (Revista *Veja*, 07 de março de 2007 p. 64)

A metáfora “blablablá” empregada no título da reportagem constitui-se em argumentação de que o discurso acerca da capacidade produtiva do Brasil e da viabilidade do etanol brasileiro é verdadeiro. No entanto, o “mas” empregado no subtítulo reorienta a direção argumentativa e redefine os dizeres para afirmar que a possibilidade de assumirmos um lugar como aquele da Arábia Saudita é algo distante, ao passo que o discurso norte americano, aqui retomado pela expressão “o de Bush” é desqualificado, pelo fato de o EUA não possuir essa mesma capacidade produtiva e viabilidade financeira.

Esse discurso, o retomado pela metáfora blábláblá, remete a significados como falácia, promessa falsa, mentira, sustentada pelos sujeitos locutores, quando consideram que os americanos extraem o álcool do milho, de produtividade menor e custo maior.

A expressão metafórica “anos-luz” empregada em (3), subtítulo da reportagem, já posiciona uma representação do nosso país, colocando-o em uma posição inferior, distante do poder de produção de combustíveis da Arábia Saudita, em que o locutor, modalizando a sua própria fala, situa o país em relação ao acontecimento que está sendo discursivizado. Em relação à outra metáfora, “a Arábia Saudita do etanol”, o recurso também situa o referente, no caso, o Brasil, e tal recurso indica ao interlocutor que o Brasil não será o país do etanol, na mesma dimensão em que a Arábia Saudita é o país do petróleo.

O funcionamento metafórico articula dois lugares para o Brasil: primeiro, o futuro que está longe de se concretizar, “está a anos luz”; mas está previsto na linguagem pelo uso do tempo verbal do presente do indicativo e do verbo “estar”; ainda que futuro, esse lugar existe e está reservado, mais que isso, o Brasil é um país possível, capaz de fazer cumprir esse destino, refletindo o imaginário social do país, desde os tempos da Carta de Caminha através do enunciado “uma terra em que se plantando tudo dá”. Essas posições retomam dizeres antigos acerca do Brasil e retomam velhas representações sociais, fundadas nesse imaginário

da grande nação em potencial. Ser a Arábia Saudita, por outro lado, é recuperar um lugar no presente, na contemporaneidade, para o Brasil do futuro. “Ser a Arábia Saudita” transpõe o domínio do que significou e significa essa região para a política no que tange a projetos energéticos, a sua capacidade produtiva e tecnológica de produção no campo do petróleo para um Brasil, enquanto capacidade produtiva e tecnológica no que se refere ao etanol, nas mesmas dimensões da produção de petróleo pelos sauditas.

4- *Energia é poder.* (Revista *Caros Amigos*, março de 2007 p. 34)

5-- *Surge agora no horizonte o novo colonialismo energético da biomassa vegetal.*
(Revista *Caros Amigos* p. 34)

A metáfora em (4), alude à representação do Brasil como alvo dos países hegemônicos. Ou seja, conforme justifica o sujeito locutor, a matéria-prima fornecida pelo colonizado ao colonizador constitui-se em fonte de poder. Tem-se, através da metáfora grifada em (5), uma representação do velho e do novo colonialismo. Ou seja, a perspectiva de se instaurar um novo colonialismo através da relação entre colonizado e colonizador, agora, pelos recursos energéticos. Ainda, ressaltamos que a metáfora alude à relação de poder e à manutenção de representação de Brasil extraída do imaginário social que a concebe, pois o colonialismo imposto pelo europeu no passado, agora instaura-se pelo norte-americano em busca do álcool e dos óleos vegetais.

6-...mas isso não quer dizer que o encontro Brasil – EUA não seja nocivo para nós, pois **contrato em pé de igualdade com os EUA é conversa de urubu com bode...** (Revista *Caros Amigos*, março de 2007 p.34)

7- ...essa história de **tubarão conversar com peixinho** provoca desconfiança. (Revista *Caros Amigos*, março de 2007 p. 39)

8-“**Abrir os olhos significa** o que exatamente, uma atitude do Estado brasileiro?”
(Revista *Caros Amigos*, março de 2007 p.39)

A sequência de metáforas, por nós depreendidas, em (6) do artigo de Gilberto Felisberto, em (7) e (8), da pergunta feita em entrevista a Rubens Ricupero, evidenciam as representações que se constroem sobre o Brasil frente ao seu interlocutor Bush. As expressões metafóricas escolhidas, remetidas ao “exterior” do discurso, revelam forte carga semântica na construção de sentidos voltada para o pré-construído, quando se toma as posições supostamente desfavoráveis entre os interlocutores Brasil e EUA. Ressaltamos que a escolha das expressões metafóricas: urubu com bode (ave de rapina, que fica a espreita do moribundo, em que o bode servirá de alimento para o urubu, mas esse não faz nada em favor daquele, e animal popular no sertão); tubarão e peixinho, que acentuam a relação entre predador e presa sinalizam a impossibilidade de acordo em condições de igualdade e, mais ainda, demarcam a posição de fragilidade do Brasil diante do interlocutor norte-americano: de colonizador e de colonizado. Sinalizam, ainda, que esse último precisa estar alerta, metaforicamente, de olhos abertos, para as reais intenções do primeiro.

9- *“No passado, Oswald de Andrade chamou o Brasil de **país da sobremesa exportador de matérias-primas**. Hoje, mister Bush nos consagra como país da sobrevivência energética para a hegemonia anglo-saxônica.* (Revista Caros Amigos, março de 2007 p. 34)

A alusão empregada pelo sujeito locutor, em (9), aponta para a premissa de que tanto no passado remoto e recente, se pensarmos na colonização portuguesa e na referência feita a Oswald de Andrade, como no presente, o Brasil tem se colocado como uma nação explorada, a ser do outro. Através da alusão, evocada pelos dizeres de outrem, no caso, de um testemunho autorizado, remete-nos às proposições imaginárias acerca da representação do Brasil, ainda colônia, ainda uma possibilidade de ofertas ao primeiro mundo. Tem-se uma formulação, um novo enunciado construído com base em um saber discursivo, em uma memória que o tornou possível. Trata-se de uma memória cultural evocada para produzir sentidos que se repetem em um enunciado novo.

10- *“**Mate o brasileiro e preserve a floresta**”* (Revista Caros Amigos, março de 2007 p.34)

O jogo de palavras neste enunciado, referenda o argumento de que a floresta constitui-se no elemento que coloca em risco a soberania do Brasil. Neste caso, a construção discursiva da representação do Brasil pelo outro seria a constituição de uma identidade nacional relacionada com a natureza e não com a identidade cultural de seu povo.

Considerações finais

As marcas descritas, retiradas dos discursos estudados, assinalam o lugar do outro para articular vozes, atribuir sentidos que conferem uma dada representação de Brasil e não outra. O acontecimento discursivo é novo, mas o objeto discursivizado é o mesmo, velho, quando se representa o Brasil como o país de natureza inigualável, com potencialidades naturais inesgotáveis e passível de um novo colonialismo. Assim, o tempo não distancia os sentidos preconizados em discursos sobre o Brasil. Como demonstraram os enunciados e as marcas de heterogeneidade discursiva e respectivos comentários, nos diferentes gêneros e instâncias enunciativas, há posicionamentos distintos no mesmo suporte, há vozes e marcas de heterogeneidade que, através de um jogo, articulam-se nos enunciados, enunciadores diferentes que vão sendo acionados, empreendendo uma argumentação contrária ou a favor do acontecimento discursivo. Estes discursos, independentemente dos posicionamentos enunciativos e ideológicos, são perpassados por um imaginário colonialista, de um Brasil de terras a serem plantadas e de tecnologia a serviço do abastecimento do mundo, agora, quando a energia está no cerne das relações de poder na contemporaneidade.

Tomando os gêneros analisados (reportagem, artigo de opinião e entrevistas), sob a perspectiva de novos discursos e velhos sentidos, vale dizer que os sentidos produzidos se repetem e circulam indefinidamente, quando se consideram os processos de significação que produzem um imaginário que rege a nossa sociedade. Deparamos, conforme nosso *corpus*, com a discursivização de fatos apoiada em marcas de heterogeneidade que revelam a subjetividade dos sujeitos locutores e que ao representar o Brasil, o fazem com uma visão edênica, cuja identidade de nação está vinculada às demandas naturais que o país ainda pode oferecer, e também, vulnerável na questão da soberania e da independência, produzindo velhos sentidos que se repetem nos discursos de hoje.

Se, de acordo com Steimberger, cada sociedade define seu lugar no mundo, suas necessidades e desejos, enfim, sua identidade, tomando, então, novos discursos sobre o Brasil, decorrentes das necessidades deste tempo – a produção de combustíveis renováveis (energia) no centro da questão do poder -- as práticas de ações sociais (*teukhein*) e de dizer (*legein*) voltam-se para uma representação de Brasil centrada nas demandas naturais, sob a égide da estrutura desenvolvimentista/ capitalista. Ainda, uma representação de Brasil voltada para a permanência do imaginário colonialista que subjaz à difusão do discurso ecológico e de que continua sendo o *locus* privilegiado para o progresso dos outros.

Discursive heterogeneous and representation of Brazil

***Abstract:** This essay aims on observing the See/Say ways of telling a discursive event, assuming the hypothesis of this ways may reflect the settled imaginary of certain society and comprehend how the shown heterogeneity marks contribute to the sense building process in Brazil representation. As a mediator between the readers and reality, the media is an agent of formation the social imaginary, in the production of meaning and organization experiences. Aiming to understand this process of potencialization of the senses, consider the mode of discourse the social-political event establishing as corpus of our work some production circulated in printed media, looking for understanding of a possible constitutive dialogue between the production and a imaginary colonialist. For this, examining the marks of heterogeneity discursive shown, as proposed by Jacqueline Authier-Revuz, in journalistic texts published in "Veja" and "Caros Amigos" Magazines. With this procedure, aiming to understand how, in general, print directions argumentative brands such as the enunciative proposal subject of speakers. Aim, yet, understand how such brands of heterogeneity contribute to the processes of construction of representation felt in Brazil., examining the marks of heterogeneity discursive shown, as proposed by Jacqueline Authier-Revuz, in journalistic texts.*

Keywords: Discourse. Social Imaginary. Discursive Heterogeneous. Representation of Brazil.

Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Trad. Claudia R. Castellanos Pfeiffer e outros. Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativas(s). **Cad. Est. Ling.**, Campinas, 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso, in: **Entre a transparência e a opacidade: Um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre, Ed. PUC RS, 2004.

BAKHTIN, M, (Volochinov) (1929) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. do francês de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário (org). **Discurso e Mídia: Cultura do Espetáculo**. São Paulo. Claraluz, 2003.

MANGUENEAU, Dominique. **Análise de texto de comunicação**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista!: Discurso do confronto: Velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez; Campinas, São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

STEINBERGER, Margarethe Born. **Discursos Geopolíticos da Mídia: Jornalismo e Imaginário Internacional na América Latina**. São Paulo: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.